

A representação da escola em *Cazuza*, de Viriato Corrêa

Representation of school in the novel *Cazuza*, by Viriato Corrêa

Gladir da Silva Cabral¹

Magali Naspolini Proença²

Resumo: Este trabalho busca analisar a representação da escola no romance infantojuvenil *Cazuza*, de Viriato Corrêa e suas intersecções com o movimento Escola Nova, em franca efervescência na década de 1930. Acompanha-se a trajetória da personagem Cazuza através das três escolas brasileiras: a escola do povoado, a escola da vida e a escola da cidade. O livro, ainda que de natureza ficcional e desenhado com as tintas da imaginação, é um importante documento da história da educação brasileira no final do século XIX e início do século XX e de como a literatura percebia os retrocessos e avanços da escola no Brasil. O trabalho revelou que em *Cazuza*, de Viriato Corrêa, aparecem sinais de uma concepção diferente de educação, a Escola Nova, que buscava a autonomia do aluno, a criatividade, a liberdade e a experimentação, algo diverso dos rigores escola tradicional. Entretanto, o livro também apresenta uma visão contraditória, complexa e diversa do Brasil, onde três formas diferentes de educação ainda convivem. A narrativa revela a presente de um discurso patriótico, moralista e nacionalista bastante forte.

Palavras-chave: Escola; Literatura; Escola Nova; Viriato Corrêa.

Abstract: This article aims at analyzing the representation of school in the children novel *Cazuza*, by Viriato Corrêa, and its connections with the movement New Education (Escola Nova), in ascension in Brazil during the 1930's. We follow the steps of Cazuza, a young boy who moves around three different Brazilian schools: the hamlet school, the village school, and the school in the city. In spite of being a fiction book and drawn with the colors of imagination, the novel is an important document of the history of education in Brazil during the late 19th century and beginning of 20th century and shows how literature perceives the advances and setbacks of the school in the country. The research shows that in *Cazuza* there are signs of a different concept of education, known as New Education (Escola Nova), focused on the autonomy of the student, on creativity, freedom and experimentation, something diverse from the severity of the traditional school. However, the book also presents some contradictory, complex, diverse perception of Brazil, where three different kinds of school can still be seen. The patriotic, moral, nationalist discourse is very strong in the novel.

Keywords: School; Literature; New Education; Viriato Corrêa.

A obra *Cazuza*, de Viriato Corrêa (1938), constitui-se num documento testemunhal do processo de construção e desenvolvimento da sociedade brasileira desde fins do século XIX até o início do século XX. Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho nasceu em Pirapemas, Maranhão no ano de 1884. Além de contista e romancista, também foi jornalista, professor de História e Geografia do ensino público, teatrólogo e autor de literatura infantojuvenil (PENTEADO, 2001). Viriato escreveu também para o público infantil, como, por exemplo, nas seguintes obras: *História do Brasil para Crianças* (1921), *Cazuza*

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). E-mail: gla@unesc.net.

2 Graduada em Letras pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). E-mail: magalinaspolini2@hotmail.com.

(1938) e *As belas histórias da história do Brasil* (1948). Nessas obras evidencia-se o interesse pela história da sociedade brasileira. Nesse sentido, a obra *Cazuza* foi “um documento importante (embora recriado pela imaginação) do que eram as relações familiares e sociais no Brasil finessesecular” (COELHO, 1984, p. 1128).

Viriato Corrêa, juntamente com Monteiro Lobato, Francisco Marins e Arnaldo de Oliveira Barreto, está incluído entre os autores recomendados por Lourenço Filho, diretor do INEP (1938-1946), órgão ligado ao Ministério de Educação e Saúde do governo de Getúlio Vargas (BERTOLETTI, 2012; FRITZEN; CABRAL, 2014). Lourenço Filho, juntamente com Cecília Meireles, outro membro da Comissão Nacional de Literatura Infantil (CNLI), também foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, publicado em 1932, que apresentava uma crítica à escola tradicional de então e propunha a “atividade espontânea, alegre e fecunda, dirigida à satisfação das necessidades do próprio indivíduo” (FRITZEN; CABRAL, 2011, p. 288; FRITZEN; CABRAL, 2014, p. 335).

Este trabalho tem como pressuposto a ideia de literatura como espaço de representação da realidade social. Cada obra literária apresenta uma perspectiva da realidade e reproduz certos papéis sociais, muitas vezes estereotipados, outras vezes com profundidade e complexidade. Neste caso, busca-se entender como a escola é representada numa obra literária infantojuvenil, que aspectos são enfatizados e que aspectos são ignorados, como ela aparece no livro de Viriato Corrêa. O livro, que tem sua importância reconhecida na história da literatura infantil, também se configura como testemunho da história da educação brasileira. Vale lembrar também que o livro *Cazuza*, bem como as demais obras de Viriato Corrêa circularam largamente nas escolas do Brasil (PENTEADO, 2001).

Por toda a narrativa de *Cazuza*, que se oferece como um romance autobiográfico infantojuvenil, há referências à presença da escola. De maneira memorialística, *Cazuza* documenta o que se passava nas escolas brasileiras no período da década desde o final do século XIX até os anos 1930. O progresso, as diferenças, as transformações que estavam acontecendo nesse período. Regina Zilberman observa que a narrativa em primeira pessoa é um “processo raramente empregado na literatura infantil” (2008, p. 6), o que revela uma peculiaridade da obra de Viriato Corrêa. O menino Cazuza passa por três escolas: a escola do povoado, em Pirapemas, a escola da Vila de Coroatá e o Colégio Timbira, na cidade de São Luís. Em suas memórias, Cazuza relata como era o relacionamento dos professores com os alunos, os maus tratos que frequentemente ocorriam, o relacionamento dos alunos entre si, o conteúdo curricular que era oferecido, os métodos pedagógicos e disciplinares da época. Tais registros são valiosos para os que estudam a história da educação no Brasil (FERRO, 2002).

O livro foi publicado na mesma década em que o movimento da Escola Nova ganhava força no Brasil, com a publicação do *Manifesto dos Pioneiros da Educação* (1932), documento assinado por Anísio Teixeira, Cecília Meireles, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, entre outros. Esse movimento, também conhecido como *Escola Progressiva*, teve seu início na primeira metade do século XX. Deu-se o nome de *Escola Nova* por causa do movimento de renovação do ensino, voltado para a autonomia da criança, seu impulso espiritual, sua espontaneidade, e também para a transformação do país por meio da educação, uma educação que é vista como direito de todos (AZEVEDO et al., 2010). “A renovação educacional no início da Segunda República estava alicerçada nas teorias psicológicas de Lourenço Filho, na contribuição sociológica de Fernando de Azevedo e no pensamento filosófico e político de Anísio Teixeira” (SANDER, 2007, p. 28).

Logo no início do livro, o “autor” explica a origem da obra, contando que o vizinho da mesma rua, o

qual descia para pegar o bonde com ele, era conhecido pelos demais como Cazuza. Certo dia, esse homem bateu à sua porta e entregou a ele alguns manuscritos, explicando que eram suas memórias. Pediu-lhe para ler e verificar se eram úteis. Os manuscritos tinham como título “História verdadeira de um menino de escola”. O “autor” relata que efetuava a leitura de tais manuscritos diante de sua família e os que mais gostavam dessas leituras eram os sobrinhos que tinham idade entre oito e doze anos. Todos os dias as crianças solicitavam a leitura das memórias intituladas pelos pequeninos como O livro do tio Cazuza. Com o passar dos dias, as crianças foram diminuindo o título e resumiram apenas como Cazuza. Esse ficou sendo o título do livro, bem mais curto, “[p]rofundamente infantil” e “[p]rofundamente brasileiro” (CORRÊA, 1985, p. 7).

A história se inicia em Pirapemas, um pequeno povoado no estado do Maranhão, em que Cazuza nasceu, e descreve com detalhes os aspectos do interior onde ele morava. A personagem principal, que se torna o verdadeiro narrador da história, é Cazuza, que juntamente com personagens secundários muda-se a todo o momento, conforme seu relato. O rio Itapicuru, a ruazinha com apenas vinte, trinta casas e os animais faziam parte da descrição do interior, ou seja, a maneira simples como Cazuza morava. Foi nesse tempo que o menino sentiu despertar o desejo de frequentar a escola. “Imbuído do ideal republicano que concebeu a educação popular como elemento regenerador do homem e, por conseguinte, de toda a nação, ideal que foi revitalizado no regime do Estado Novo, Viriato insistirá, ao longo do livro, nos benefícios da educação formal” (PENTEADO, 2001, p. 152).

A obra é dividida em três momentos bem definidos de acordo com os espaços que a personagem principal habita: o primeiro ocorre no povoado, apresentando bem a relação de Cazuza com a família, seu crescimento, o início da vida escolar, isto é, o convívio cotidiano social no interior do Brasil no final do século XIX. Nesses relatos percebe-se uma representação mais ampla de família, que não se resumia a apenas pai, mãe e filhos, mas incluía outros membros, como a tia, a avó e outros. É também nesse momento que é exposto o duro rigor da escola do povoado, a decepção do menino com a escola, o professor, a palmatória.

O segundo momento acontece em outro espaço, Coroatá, vila onde se localiza a segunda escola que frequentou. É nesse período que o garoto conta as experiências de convívio com outras pessoas, outros adultos, como o padre, o vendedor, os coleguinhas, a doce professora, os funcionários da escola demonstrando mesmo que sutilmente as diferenças sociais, a hierarquia presente no contexto.

O terceiro momento é quando o pai de Cazuza o manda para a cidade de São Luiz, a capital do estado, para a aperfeiçoar os seus estudos. Nesse momento, começa uma relação com o novo, como, por exemplo, o João Cância, que era o professor apaixonado pelo seu trabalho, pelo país e pela cultura. É por meio dessa personagem que Cazuza passa a aprender valores muito importantes, como a educação, a igualdade dos seres humanos, patriotismo e a escravidão.

A obra revela a dura realidade em que vivia o meio rural brasileiro, totalmente desprezado pelas autoridades do país. Cazuza relata a experiência que teve e a oportunidade de conhecer e conviver no meio urbano, o que proporcionou a ele maior enriquecimento cultural, crescimento escolar e em cidadania. Contudo, ele jamais se esqueceu de sua terra, da gente do seu lugar. A obra faz a crítica da educação naquele período, sobretudo das escolinhas abandonadas do interior, mas o faz de forma singela, educativa e de certa maneira moralista. Editada e publicada no período do governo Vargas, ainda que narrando eventos que teriam acontecido em décadas anteriores, Cazuza parece identificar-se plenamente com

o ideário estadonovista, que repaginou muitos dos ideais dos primeiros republicanos como, por exemplo, a visão da educação como a redentora de uma nação ainda atada à ignorância e que, só através da escola, poderia o país alinhar-se nos trilhos do progresso, pois de lá é que sairia (con)formado o cidadão produtivo e ciente de seus deveres para com a coletividade e para o engrandecimento da Pátria (PENTEADO, 2001, p. 91)

Embora, seja uma obra importante por trazer uma linguagem nova e tratar da realidade brasileira da época, mostrando os passos formativos do indivíduo, a narrativa ainda é carregada de uma perspectiva idealista e guarda certo tom moralista, como também observa José Nicolau Gregorin Filho (2011).

A escola do povoado

Cazuza, no primeiro capítulo, intitulado “As calcinhas”, manifesta seu desejo de frequentar a escola. Ele era muito pequeno, ainda não pronunciava as palavras direito, chupava o dedo e usava bata. Sua mãe já havia prometido a ele que no próximo ano ele iria para a escola. Ele conta que dois motivos o fizeram desejar estudar: largar os vestidos de menina para usar calça e sentir-se homenzinho; e a festa chamada “festa da palmatória”, a festa do encerramento escolar, que acontecia no dia sete de dezembro. As calças proporcionavam ao pequeno a satisfação de sentir-se um homenzinho. Segundo Ana Elisa de Arruda Penteado, autora do artigo “Leitura de Formação e Cidadania nos anos 1930”, publicado em 2002, a alegria e a ansiedade de Cazuza antes de frequentar a escola é uma das características que faz a obra *Cazuza* diferir em relação a outros clássicos, como, por exemplo, *O Ateneu* (1988), de Raul Pompéia, *Doidinho* (1933), de José Lins Rego, e *Infância* (1945), de Graciliano Ramos. “Em todos eles, ‘a hora negra de estudar’ como escrevera Carlos Drummond de Andrade, é aguardada com apreensão pelas crianças, por razões várias: O afastamento da família, o medo do desconhecido, a saudade do lar angustiavam os pequenos que eram enviados ao colégio interno” (PENTEADO, 2001, p. 2).

A escola do povoado ilustra o momento histórico importante da organização do ensino público primário no Brasil no século XIX. Era uma escola isolada, sob os cuidados de um único professor (VIEGA; GALVÃO, 2012). Viriato Corrêa apresenta em sua obra o curioso relato da “festa da palmatória”, em que a escola amanhecia enfeitada com ramos e palmas verdes, flores, muitas flores na mesa e na cadeira do professor. A palmatória era amarrada com laços de fita pendurada na parede. Era nesse momento que a criança se vingava dela por todo o sofrimento passado durante todo ano. Ela era tão odiada pelos pequeninos, que davam-lhe apelidos como: danada, tirana, malvada, bandida.

Cazuza tinha ficado tão feliz com tudo que viu no dia de festa, que jamais imaginaria ver a cena que presenciou quando chegou à escola no seu primeiro dia de aula. Tudo ali havia perdido o encanto:

[...] num casebre de palha com biqueiras de telhas, caído por fora. Dentro – unicamente um grande salão, com casas de maribondos no teto, o chão batido, sem tijolo. De imobiliário apenas os bancos e as mesas estreitas dos alunos, a grande mesa do professor e o quadro-negro arrimado ao cavalete. A minha decepção começou logo que entrei (CORRÊA, 1985, p. 28).

Além do desapontamento em relação ao espaço físico da escola, houve a decepção com o professor. O velho João Ricardo trouxe a Cazuza um sentimento de estranheza e medo. “Tentei encarar o professor e um frio esquisito me correu da cabeça aos pés. O que eu via era uma criatura incrível, de cara amarrada, intratável e feroz” (CORRÊA, 1985, p. 29). Como atestam Viega e Galvão, “as escolas isoladas, consideradas símbolos do atraso, da desorganização, da miséria, da falta de planejamento e de recursos e da baixa

qualidade do ensino continuaram a existir, mesmo após a instalação dos grupos” (2012, p. 480). Como observam Lennyse Teixeira Bandeira e Elizânia Sousa do Nascimento, “[d]espreparo docente, rigidez na relação professor e aluno eram apenas algumas marcas presentes na instrução oferecida por essas escolas” (2016, p. 3).

Foi no primeiro dia de aula que Cazuza e seus coleguinhas de turma tiveram o primeiro contato com a violência escolar. Com muito medo, seu amiguinho Vavá tenta sentar-se ao lado de Cazuza. Nesse momento o professor pega-o pela orelha e o faz retornar à sua carteira. Cazuza relata que o movimento foi tão brutal que o outro aluno se assustou e derrubou o tinteiro.

Escola, realmente, não podia ser aquilo. Escola não podia ser aquela coisa enfadonha, feia, triste, que metia medo às crianças. Não podia ter aquele aspecto de prisão, aquele rigor de cadeia. Escola devia ser um lugar agradável, cheio de atrativos, de encantos, de beleza, de alegria, de tudo que recreasse e satisfizesse o espírito (CORRÊA, 1985, p. 29).

A atitude rigorosa e violenta do professor João Ricardo, o mestre-escola, contrastava drasticamente com a do pai de Cazuza, “homem inculto, mas com uma inteligência tão viva, que se acreditava ter ele cursado escolas” (p. 11).

Algo que causava irritação em Cazuza, por cada aluno tinha de estudar a sua lição em voz alta o mais alto que pudesse. “Aquela mesma coisa, semanas inteiras, meses inteiros, nada, nada que me despertasse o gosto pelo estudo” (CORRÊA, 1985, p. 34). Cazuza via, na atitude do professor, que tudo era resolvido na base do castigo. Uma lição malfeita, uma palavra errada, uma conversa na hora errada, um sorriso, qualquer falta pequena, o professor colocava o aluno no centro da sala ou mandava-o para fora. Se a falta fosse grave, o professor colocava a criança de joelhos no meio da sala. As crianças tinham pavor de dois suplícios que Cazuza ainda não tinha presenciado: o primeiro era colocar o aluno de joelhos sobre grãos de milho; o segundo era colocar na cabeça do menino duas orelhas de burro de papelão enormes e fazê-lo andar pelas ruas para que rissem da situação.

O capítulo intitulado “O dia do calundu” registra a primeira situação em que Cazuza foi de fato agredido na escola. Até então ele estava sempre presenciando situações que aconteciam ao seu redor. Naquela manhã, um dos coleguinhas de Cazuza já havia comentado com ele que seria dia de “bolo”, pois o professor estava com um mau humor terrível. Seu coleguinha chamado Vanico, que guardava os livros numa lata de biscoito, deixou a lata cair. Junto caíram o tinteiro, os lápis e uma multidão de besouros. A confusão foi grande dentro da classe. Contudo, o professor conseguiu controlar a turma. Aos gritos, afirmou: “Estão pensando que isto aqui é lugar de brinquedo?! Rugiu o velho, de palmatória em punho” (CORRÊA, 1985, p. 45). Os quatro alunos envolvidos apanharam. Cazuza descreve com tristeza os bolos dados pelo velho professor. “Soaram-me nas mãos seis ‘bolos’ dolorosos. Abri um choro ruidoso” (p. 45). E o professor, com palavras duras, logo o fez calar-se: “Não quero gritaria aqui! Vá-se acostumando a apanhar calado” (p. 45). A tristeza de Cazuza e o sentimento de inconformidade por ter apanhado era profunda no coração de Cazuza. Ele descreve o sentimento de indignação que dominava: “Fui para o banco a soluçar baixinho. Meu coração estava cheio de amargura de quem sofre uma injustiça. Eu não sabia qual tinha sido a falta que me fez merecer as palmatoadas” (p. 45). O uso da palmatória era recorrente nas escolas brasileiras do século XIX, como atestam os depoimentos de Machado de Assis em *Memórias póstumas de Bras Cubas* (1881), de Robert Walsh em *Notícias do Brasil* (1828-1829) e do Visconde de Nogueira da Gama (1893), conforme observa Regina Zilberman (2004). O professor João Ricardo, da obra de Viriato

Corrêa, seria o último representante dessas figuras arcaicas, na opinião de Zilberman.

Variadas eram as situações em que as crianças apanhavam do professor, Cazuzza sempre via tudo como um absurdo, algo que o incomodava profundamente, que não tinha justificativa. Certo dia, o professor pegou o Pata-choca comendo terra, como era de costume, pois o menino era doente, tinha “bichas”. Cada vez que João Ricardo pegava-o comendo terra, batia no menino. Foi nesse momento que o professor resolveu chamar seu pai, pois percebia que não adiantava mais bater no menino. Ao chegar à sala, o pai do menino chegou afirmando que seu filho era uma vergonha. E o professor com sua rigidez lhe falou:

É mesmo! Afirmou João Ricardo. Não é mais possível aturá-lo. Leve-o, leve-o de uma vez. O senhor é pai, pode fazer o que quiser. Eu é que não posso fazer mais nada. São três anos. Durante três anos castiguei-o, dei-lhe bordoadas, fiz tudo que estava nas minhas forças e nada, absolutamente nada consegui (CORRÊA, 1985, p. 61).

Nessa cena, família e escola se unem para controlar e castigar a infância. O pai insistiu muito para que o professor ficasse com o menino e continuasse a ensiná-lo. No outro dia, quando retornou à aula, o professor o ameaçou dizendo que, se não fizesse a lição bem certinha, ele iria colocar as “orelhas de burro”. E foi justamente o que aconteceu. Ao ver o coleguinha com as orelhas de burro, os outros meninos estavam gritando e achando graça, mas o Pata-choca estava em uma situação de humilhação.

Viriato Corrêa deixa evidente que o maior problema, nesse caso, era o preconceito e a ignorância tanto do professor quanto da família. O menino estava enfermo, e de uma enfermidade que naquela altura era incontrolável no país: a ancilostomose. A saída não eram os castigos nem as humilhações, “consultar um médico, tomar remédios, ter hábitos de higiene – numa bem sucedida tentativa do autor de alertar a população e conduzi-la a uma vida mais saudável” (PENTEADO, 2001, p. 137). A figura do médico surge como indicativo da presença salvadora da ciência, da educação e do progresso. As palavras do médico esclarecem o problema do menino:

O senhor está enganado, replicou o médico. Ele não está assim porque come terra. Ele come terra é porque está assim! [...] O que esta criança tem são bichas. As bichas é que o fazem comer terra.

Mas, doutor, então...

Não tenha dúvida. São os vermes, no estômago e no intestino, que obrigam esta pobre criança a ter desejos esquisitos de comer coisas extravagantes. O senhor com certeza dá-lhe bordoadas.

Sim, doutor, para lhe tirar o vício.

Não adianta nada. Bordoadas não adianta. O que adianta é remédio. O que é preciso é curá-lo. No dia em que deixar de ter vermes, deixará de comer terra (CORRÊA, 1985, p. 65).

Para Cazuzza não havia dia pior do que o da “sabatina de tabuada”. Ele descreve que já saía de casa esperando que algo de ruim acontecesse. A sabatina de tabuada acontecia da seguinte maneira: O velho João Ricardo chamava quinze, vinte, trinta alunos, colocando-os de pé em fila, e de acordo com a ordem da chamada fazia-lhes as perguntas. As respostas deveriam ser dadas no ato. Se o aluno chamado não acertasse rapidamente, passava para o próximo. Quem acertava ia buscar a palmatória e dava “os bolos” nos próprios coleguinhos. Quando ninguém acertava, o professor é quem dava “os bolos” em cada um. As perguntas eram feitas de maneira a confundir o raciocínio dos pequenos. Quem ficava no início da fila não tinha muito tempo para responder. O professor chamou Cazuzza em terceiro lugar, e ele não teve tempo de concluir nenhuma das perguntas. Nos primeiros dez minutos, Cazuzza já não aguentava as palmatoadas e chorava muito. O velho João Ricardo logo lhe repreendeu: “Cale essa boca! Quem não quer apanhar, estuda! Por que não estudou? [...] Minhas mãos encheram-se de bolhas de sangue e duas delas rebentaram

aos últimos ‘bolos’ (CORRÊA, 1985, p. 64). Evidentemente, Viriato Corrêa carrega nas tintas da crítica à escolha tradicional.

Cazuza chegou à casa e atirou-se nos braços da mãe com muita dor. A mãe de Cazuza não gostou e falou ao pai que eram desnecessárias tais ações. Tio Olavo, que estava em sua casa, afirmou contestando a mãe de Cazuza: “Qual bárbaro, qual nada! No meu tempo era mais rigoroso do que hoje e ninguém morreu de apanhar. Sem palmatória é que não pode haver ensino” (CORRÊA, 1985, p. 64). A imposição do adulto sobre as crianças e o poder exercido pelo professor em sala de aula ainda eram muito evidentes e certos para muitas pessoas. No entanto, a mãe de Cazuza não se convence que aquela era a maneira mais correta de agir com as crianças. Logo, ela afirma que não deixaria mais o menino frequentar aquela escola. Mais tarde, ele iria para a escola da vila.

A escola da vila

O menino Cazuza tinha o desejo de uma escola diferente, a que ele esperava encontrar antes de começar a ir à escola. Quando foi dormir, à noite, Cazuza adormeceu imediatamente. Naquela noite ele descreve que teve um sonho. Sonhou com uma escola bem diferente, com espaço físico bem bonito, com jardim, as crianças todas alegres e livres para levantarem na hora que fosse necessário. Havia muitos professores, todos muito bons: “Se não me dissessem eu não acreditava. Tinha tanta bondade no rosto, tanta brandura, delicadeza e carinho para a meninada, que eu pensei que fossem apenas companheiros mais velhos dos alunos” (CORRÊA, 1985, p. 65). O menino Cazuza sonhou com algo que no fundo era seu desejo, a escola como queria que fosse: “Fiquei à porta, silenciosamente, a olhar para tudo aquilo. Um menino veio ao meu encontro. – Entra, disse, pegando-me a mão. Aqui não existe rigor de cadeia, nem palmatória, nem sabatinas de tabuada” (p. 65). O sonho do menino é de uma escola nova. Nesse ponto, o livro transpira valores que estavam sendo encampados por Gustavo Capanema e pela política educacional de Getúlio Vargas.

Quando Cazuza mudou-se para a vila, sentiu-se deslumbrado com outro tipo de escola que encontrou ali, um casarão velho de grandes salas. Com entusiasmo, ele conta como foi o primeiro dia de aula na vila:

Quando lá entrei, no primeiro dia, levado pela mão de meu pai, senti no peito o coração bater jubilosamente. Dona Janoca, a diretora, recebeu-me com carinho com que se recebe um filho. Os meninos e as meninas, que me viram chegar, olharam-me risonhamente, como se já tivessem brincado comigo (CORRÊA, 1985, p. 75).

Cazuza sentiu-se muito alegre porque vinha de um contexto muito diferente. A escola do povoado tinha um rigor muito grande, o professor era muito exigente e duro. Para o pequenino, era um alívio poder ir a uma escola tão diferente, que para seus olhos era um encanto. “A escola da vila era diferente da escolinha da povoação como o dia o é da noite” (p. 74).

Ele descreve com muita admiração a maneira como a diretora da escola trabalhava e a maneira como ela lidava com as crianças na escola: “Havia nas suas maneiras suaves um quê de tanta ternura que nós, às vezes, a julgávamos nossa mãe” (CORRÊA, 1985, p. 76). No capítulo “A escola da vila”, Cazuza observa o comportamento da diretora, que se preocupava de modo geral com todos os detalhes da escola. Além de demonstrar amor por sua profissão, ela preocupava-se com as crianças que adoeciam e levava-lhes

frutas, biscoitos e até remédio. Ajudava os pequenos dando-lhes lápis, livros, papel, todos obtidos em casas comerciais. A generosidade é um dos grandes valores presentes no romance de Viriato Corrêa. Segundo Penteado, solidariedade e generosidade são, na obra, pares fundamentais na formação do ser humano, pois “a sociedade funciona se os homens se ajudarem, se o que prevalecer for o bem da coletividade. O individualismo – liberal – é tão nocivo a uma sociedade quanto o egoísmo para as relações pessoais” (PENTEADO, 2001, p. 125).

Dona Janoca, a diretora, veio da capital e trouxe mais duas auxiliares suas irmãs. Apesar de ser chamada de Dona Janoca, ela tinha apenas 35 anos de idade. Quando chegaram à vila, a escola estava muito velha, então resolveram pedir ajuda a população para reformar a casa. Como se pode perceber, a missão da professora Dona Janoca é reformar a escola, que tem um sentido literal e metafórico. Simbolicamente, essa reforma tem grande importância no enredo do livro:

As paredes por si sós, faziam delícias da pequenada. De alto a baixo uma infinidade de quadros, bandeiras mapas, fotografias, figuras recortadas de revistas, retratos de grandes homens, coleções de insetos, vistas de cidades, cantos e cantinhos do Brasil e do mundo (CORRÊA, 1985, p. 77).

Tais gravuras provocavam em Cazuza um encantamento imensurável. Muitas vezes ele deixava de brincar para poder admirar as figuras, os mapas, e tudo que estava exposto às crianças (CORRÊA, 1985, p. 77). As professoras vêm da urbanidade e fazem a ponte entre o mundo da cidade e a gente do interior, entre “a elite ilustrada e as camadas populares” (ZILBERMAN, 2004, p. 74). São três professoras, três mulheres cheias de coragem e inspiração para começar uma escola na vila, estão numa situação de movimento em direção ao interior do país, um afastamento dos privilégios e conforto da capital, mas também uma ação civilizatória, quase missionária. Elas representam os valores do esclarecimento e de educação cidadina. “O processo de urbanização, que se incrementa na Primeira República com o surto de uma industrialização ainda incipiente, começa a conferir uma fisionomia peculiar à cidade, distanciando-a sobremaneira das vilas perdidas pelo interior do país” (PENTEADO, 2001, p. 153). A situação é desafiadora e um tanto precária. A escola do povoado, mais arcaica e fechada, era dirigida por homens, coisa comum no século XIX. Aqui na vila, percebe-se a presença das mulheres na educação.

Dona Nenén era o nome da jovem professora de Cazuza, por quem ele tinha muito apreço. Além do seu encantamento físico, ela era também muito doce, mesmo quando lhe chamava atenção dos alunos. “Não se distraia, menino, cuide de sua liçãozinha” (CORRÊA, 1985, p. 78). Segundo Cazuza, era a professora que as crianças quase consideravam uma irmã mais velha. Era uma relação tranquila, sem brigas, sem gritos. Quando os pequenos cometiam algo muito grave, a professora lhes contava uma fábula para que entendessem o fundamento moral e não viessem a cometer novamente os mesmos erros. A idealização dessas professoras influenciadas pelos novos ares da modernidade fica evidente na caracterização das personagens do romance de Viriato Corrêa. A mescla dos papéis de professora e mãe, professora e irmã mais velha, parece estar evidenciada no romance. O feminino ajusta-se perfeitamente ao exercício do magistério na escola da vila. Na narrativa, essas mulheres não têm compromissos matrimoniais, ao que parece, o que lhes permite dedicação integral à missão de educadoras e afasta conotações de uma possível atividade sexual que o matrimônio pudesse implicar.

Dona Rosinha, a professora da outra turma, era diferente da irmã, era bem agitada e irradiava uma graça, tinha um brilho quando falava que conquistava o coração das crianças. E o papel do educador, para Viriato Corrêa, parece configurar-se assim: em conhecer “o segredo de entrar no coração das crianças”

(1985, p. 77). Como comenta Regina Zilberman, “[o] processo de aprendizagem não supõe apenas o acúmulo de novos conhecimentos, mas também o amadurecimento interior da personagem, como se, em cada etapa, ele vivesse um rito de passagem, levando-o ao aperfeiçoamento emotivo, moral e intelectual” (2008, p. 5). É o que ocorrerá na escola da cidade, quando o professor João Cância conseguir entrar no coração de Cazuza e participar de seu processo de formação humana.

Numa conversa com a professora Dona Janoca, Honorato, veterano da Guerra do Paraguai, recomenda que ela inculque nos alunos a repugnância pela guerra. É preciso ensinar as crianças. “Professora, a semente é esta – a infância. Sem se cuidar da semente, não se tem bom fruto. Comece-se, pela criança, a ensinar o horror à guerra, que a guerra desaparecerá do mundo” (CORRÊA, 1985, p. 126). Como observa Ana Elisa de Arruda M. Penteado:

O amor à pátria não deveria, portanto, justificar ou legitimar a violência e a destruição, como é comum acontecer nas guerras, pois o amor à pátria não pode exceder o amor a Deus e a seus semelhantes. O ideal cristão de Viriato Corrêa revela-se, neste caso, na valorização da piedade, uma das inúmeras virtudes com que o autor se ocupa no intento de formar os cidadãos deste novo Brasil que se anuncia. (PENTEADO, 2001, p. 115)

Situações surgiam na escola entre os colegas, como no capítulo intitulado “O rico e o pobre”, em que os alunos Custódio e Sinhozinho entram em atrito e começam uma discussão. Nessa discussão, ficou muito nítido o grau de superioridade de Sinhozinho em relação a Custódio.

- Não se troca comigo, por que? Pensa que tem o rei na barriga?! Em que você é superior a mim? Melhor aluno do que eu você não é. Fale! Em que você é superior que eu?
- Veja vê se enxerga! Seu pai é carreiro do meu (CORRÊA, 1985, p. 83).

Como se vê, a diferença social é exposta bem claramente. Percebe-se aqui que, na escola da vila, as professoras não utilizam da violência para repreender os alunos, mas preferem a imaginação, a narrativa de uma parábola, a fim de fazer os alunos refletirem sobre seus atos e tomarem consciência: “Era uma vez um Sapato Ferrado, era uma vez uma Sandália de Veludo que o destino reuniu, certa manhã, na vitrina de uma sapataria...” (p. 84).

A experiência na escola da vila sugere que já havia ocorrido uma mudança na percepção das pessoas em relação à infância e ao papel da escola. Philippe Ariès, em sua longa pesquisa sobre a história social da infância, comenta que “a evolução da instituição escolar está de forma paralela com a evolução do sentimento das idades e da infância. Inicialmente a sociedade aceitava normalmente a mistura de várias idades. Porém houve um dado momento que ocorreu certa repugnância em favor das crianças menores” (ARIÈS, 1981, p. 170).

Quando Cazuza recebeu a notícia de que iria ser levado para o colégio em São Luís, sentiu grande alegria. O pai lhe falou que estava resolvendo a viagem, e a mãe iria preparar o enxoval. O pequeno não se conteve e logo foi contar para seus coleguinhas o que lhe deixara tão feliz. O sentimento de Cazuza era de que um sonho estava se realizando, pois iria conhecer o que até então só ouvira por outras pessoas. “Aquele hora, toda a minha roda estava reunida. Não esperei chegar perto: dez metros antes, fui despejando afoitamente a notícia: -- Sabem vocês de uma coisa? Eu vou para um colégio na cidade” (CORRÊA, 1985, p. 129). Como se pode perceber em todo o romance, “[a] felicidade proviria da educação, uma vez que é ela que estabelece a igualdade entre os homens – e, de acordo com os princípios liberais, instaurada a igualdade, a ascensão através do estudo seria consequência natural do esforço do próprio indivíduo” (PENTEADO, 2001, p. 165). São histórias dentro da história.

A escola da cidade

O Colégio Timbira, em que Cazuzu foi estudar, é descrito como um velho sobrado de azulejos, que fica de frente para o mar. Possuía cerca de cinquenta alunos internos e mais de duzentos externos. Eram tantos professores, vigilantes e inspetores, que Cazuzu demorou para aprender todos os nomes. A escola tinha todo o tipo de professores: “Havia-os de todos os feitos, os ásperos, os pacientes, os bons, os desleixados, os que gostavam de dar cascudos e os que não sabiam ensinar senão com berros” (CORRÊA, 1985, p. 142). Diferentemente da escola da vila, não havia professoras. O espaço escolar na capital ainda é resistente à presença feminina, o que sugere um quadro mais ou menos convencional.

O diretor, homem já velho, chamava-se Lobato e ainda lecionava, quando necessário. João Cância, dos professores, era o mais curioso, segundo Cazuzu, tipo feio, magro, alto e esquisito. Ele morava no colégio, num quarto cheio de livros. Lia muito, e muitos alunos e professores o ignoravam no colégio. Na primeira impressão, causava certa estranheza. Para Cazuzu, ele era o melhor professor do colégio, era um homem tolerante e justo. O menino define em poucas palavras qual era a visão que tinha de seu professor: “O que dizia tinha sempre um tom de novidade. As coisas difíceis tornavam-se simples depois que ele as explicava. As suas aulas penetravam-nos no fundo do entendimento como um raio de sol atravessa a vidraça” (CORRÊA, 1985, p. 142). A admiração pela maneira como o professor lecionava fazia com que Cazuzu ficasse cada vez mais encantado e apaixonado pelas aulas. “O romance de formação *Cazuzu* traz, em suas páginas, fatos relacionados a história do Brasil, e seu objetivo maior é inculcar nas crianças determinados valores morais, cívicos e patrióticos” (FERNANDES, 2009, p. 90). Dessa maneira, o professor João Cância incutia nas crianças como deveria ser o comportamento de um cidadão brasileiro.

Fatos que ocorriam na sala de aula ou fora dela eram tomados como exemplo e utilizados para explicar assuntos relacionados, como foi no caso da senhora que ele ajudou a caminhar. Os alunos que estavam perto começaram a rir da situação. Logo que retornou, em tom exortativo, o professor deu início a uma conversa:

Do que foi que vocês riram? Perguntou. Acharam graça em eu ter dado o braço a pobre velha? Pois, meus meninos, eu assim fiz por vários motivos. Em primeiro lugar, tratava-se de uma mulher, ou melhor, de uma senhora, os homens devem ser gentis com as damas. Em segundo lugar, tratava-se de uma velha e, aos velhos, nós moços, temos o dever de dar arrimo. Outro motivo ainda, é que ela é preta (CORRÊA, 1985, p. 143).

A partir daí ele fez toda uma explicação sobre a importância do negro na história do Brasil. Ele também falou da história dos negros desde quando se iniciaram os engenhos de cana-de-açúcar, e sobre a escravidão, mostrando aos pequeninos que deveriam ser respeitados, valorizados e considerados. Certamente, há um tom moralista na narrativa de Viriato Corrêa que reflete muito bem a sociedade brasileira e seus valores naquele período.

Em outras aulas, João Cância falou da pátria, da natureza, da brasilidade e de outros assuntos – como se fossem aulas de moral e cívica, ou como se a formação do cidadão não estivesse separada do ensino da ciência. A própria noção de pátria, na época, estava ligada à invocação do território e dos espaços naturais. A proposta pedagógica de João Cância era marcada pela humanidade e pela sabedoria, despertando a curiosidade das crianças. Tal ênfase patriótica, cívica e moral tornam o livro uma “obra de um caráter quase doutrinário”, “um romance de formação”, um exemplar brasileiro de um *Bildungsroman* (PENTEADO, 2001, p. 97). O percurso de Cazuzu é do interior do Brasil, para o litoral, da zona rural para a área urbana,

para a capital. Seu movimento é da infância para a vida adulta, da ignorância para o saber, da inocência para a experiência.

A importância dos temas patrióticos pode ser constatada pelos vários capítulos que diretamente se referem à história do Brasil e aos símbolos nacionais. Como, por exemplo, no capítulo “O que é Pátria”, que começa com as palavras do professor João Cânciao, dizendo:

O tema que eu vou dar para a composição de hoje, disse o professor João Cânciao, além de belo, deve ser grato para vocês.

E escreveu no quadro-negro:

A Bandeira Nacional.

De ponta a ponta das carteiras as fisionomias se alegraram.

Já estávamos cansados dos velhos temas de composições que os professores nos davam. Sempre os mesmos: Passeio no campo, Noite de luar, Nascer do dia, Festa de batizado e tantos outros enfadonhos e inexpressivos (CORRÊA, 1985, p. 152).

A proposição do professor, a reação dos meninos, tudo tende a confirmar o espírito patriótico como relevante e interessante no contexto da educação. “A adesão incondicional dos alunos ao tema da bandeira nacional parece advir da eficiência dos símbolos em agregar os indivíduos sob sua égide” (PENTEADO, 2001, p. 105). Na escola da cidade, Cazuza aprende várias noções de humanismo – “desde que o mundo é mundo, a humanidade luta para ser livre” (CORRÊA, 1985, p. 150) – e de vida em sociedade – “[o] homem nasceu para viver em sociedade, na companhia amigável dos outros homens” (152).

Logo que começou a estudar, Cazuza relata que havia três companheiros desagradáveis: Vilares, Bonifácio e Gonçalves. O menino relata como eles eram e claramente demonstra por que não simpatizava com eles. Vilares, por exemplo, gostava de mandar em todo mundo. Se sua vontade não fosse atendida, brigava e já não queria mais continuar a brincadeira. “Parecia ter nascido para senhor do mundo” (CORRÊA, 1985, p. 144). O outro se chamava Bonifácio, segundo Cazuza ele era muito relaxado, não cuidava da sua higiene pessoal nem de sua cama. Certa vez os internos primários levaram, ao diretor, a queixa de que a cama de Bonifácio cheirava mal. A consequência foi uma semana de lição sobre higiene. “Nunca vi pessoa mais porca. Não sei que astúcia fazia ele pela manhã, à hora do banho obrigatório, que nunca se lavava” (p. 146). O terceiro era o Gonçalves, que era carrancudo, não ria e vivia isolado. “Uma das caras mais fechadas que já conheci na minha vida” (p. 146). Certa vez Cazuza, na tentativa de se aproximar dele, levou uma pancada do menino e desmaiou. Acabaram na sala do diretor, e o velho Lobato falava ao Gonçalves:

Conserte esse gênio. Você é um porco-espinho, lançando pontas agudas. É uma espingarda carregada que a gente tem medo que dispare. Na vida devemos ser atenciosos, amáveis, delicados. Sem amigos não há quem possa viver e você repele a possibilidade de fazê-los (CORRÊA, 1985, p. 147).

De acordo com Penteado, “[i]ncutir hábitos de higiene na população era outra faceta da preocupação do Estado com a saúde do trabalhador, pois a profilaxia era uma forma de preservá-la” (2001, p. 139).

Considerações finais

Com base na análise feita da obra *Cazuza*, de Viriato Corrêa, percebem-se sinais de uma Escola Nova surgindo no Brasil, uma concepção diferente de educação, uma sensibilidade outra, mais respeitosa

para com o aluno, mais humana, liberta dos rigores e da crueldade da escola tradicional. A obra retrata com inúmeros detalhes três tipos diferentes de escola e suas discrepâncias no modo como funcionavam e como os professores lecionavam e relacionavam-se com os alunos: a escola no povoado, na vila e na capital. Pode-se dizer, no mínimo, que o livro apresenta uma visão contraditória, complexa e diversa do Brasil, ou dos brasis dentro do Brasil. Essas três escolas eram contemporâneas, coexistiam na mesma época.

As três escolas parecem traçar uma linha evolutiva na educação do país e também parecem coexistir no mesmo Estado, em regiões diferentes. Daí percebem-se a diversidade e a dinâmica da realidade brasileira no período. Cada uma tem um papel significativo na vida de Cazuzu. Todas elas demonstraram que, num país como o Brasil, com uma imensidade de expansão e população, há disparidade no espaço físico e na prática pedagógica das escolas, na maneira como os professores atuam e no regimento das escolas. Essa evolução em relação às escolas que Cazuzu frequentou também deixa claro o afastamento gradual do pequeno em relação ao meio rural para o meio urbano. Todas essas mudanças e descobertas foram tornando Cazuzu um menino alegre (PENTEADO, 2002, p. 44).

Por meio da personagem Cazuzu e suas experiências com as outras crianças, percebe-se um leque abrangente de informações que definem as diferentes infâncias. Não se concebe a infância de maneira universal, homogênea e unívoca. Há diversos fatores a considerar, diversos níveis de relacionamento, diversos espaços onde a infância se constrói: a família, a escola, a relação com os coleguinhas que fazem parte da vida social da criança. A classe social, o espaço geográfico, a faixa etária e a convivência certamente definem a infância de um indivíduo – e todos esses aspectos estão contemplados no livro em suas interconexões com as três diferentes escolas.

É notável a presença da família na obra Cazuzu, havendo preocupação com a hospitalidade e com as outras crianças. A ideia de família ia além do núcleo básico pai e mãe. No caso de Cazuzu, notam-se sempre outras pessoas no seu convívio familiar como: o avô, a avó, tios, tias, primos. Mesmo que de maneira sutil a obra mostra a importância da presença familiar e sua interação com a escola. Ao fim, sinalizando para a autonomia e a autoformação, o menino vai morar na escola, afasta-se do ambiente familiar. A violência doméstica contra a infância também está presente no livro, somando-se à violência que a criança sofria na escola.

Cazuzu demonstra desde as primeiras páginas do livro a vontade muito grande de frequentar a escola. Inicialmente, o que ele encontra é uma escola tradicional e muito rígida. A obra apresenta três tipos de escola em que fica bem definido o regimento escolar, o comportamento dos professores e o convívio com as outras crianças. A primeira era a escola tradicional, em que o medo, o pavor e a violência estavam sempre acompanhando as crianças. A segunda era uma escola inovadora; mesmo sendo simples, proporcionava um ambiente escolar de acolhimento e afetividade. Informações lúdicas em todos os lugares, o esforço, a dedicação e o amor das professoras para com a profissão e os alunos foram fatores bem significantes que fizeram com que Cazuzu amasse a escola da vila. Na terceira escola, o contexto muda novamente, pois era um colégio interno. Cazuzu já não estava na presença de sua família. Quantidade e diversidade de professores, o cenário, a seriedade, as regras dentro da instituição são alguns dos fatores relevantes abordados na obra. O romance sinaliza para diversos valores que remontam aos princípios do escolanovismo, grande movimento de transformação da educação no País.

Referências

- ARIÈS, Ph. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 275 p.
- AZEVEDO, F. de et al. **Manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959)**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.
- BANDEIRA, L. T.; NASCIMENTO, E. S. do N. História e memória da educação maranhense: concepções pedagógicas identificadas na obra literária *Cazuza*, de Viriato Corrêa. **Anais do VIII Fórum Internacional de Pedagogia**, 2016, p. 1-6. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD1_SA39_ID4810_30092016132158.pdf>. Acessado em: 19 set. 2018.
- BERTOLETTI, E. N. M. **Laurenço Filho e a literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Unesp, 2012.
- COELHO, N. N. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil: 1882-1982**. Brasília: Quíron/INL, 1984.
- CORRÊA, V. **Cazuza**. 33. ed. São Paulo: Nacional, 1985. 188 p.
- FERNANDES, J. R. O. O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o ensino de história (1934-1961). 2009. 359 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- FERRO, M. do A. B. *Cazuza: literatura e memória de escola*. **Anais do XXV reunião da ANPEd**, Caxambu (MG), 2002. Disponível em: <<http://25reuniao.anped.org.br/posteres/mariadoamparoborgesferrop02.rtf>>. Acessado em: 17 set. 2018.
- FRITZEN, C.; CABRAL, G. da S.; CAROLA, C. R. O positivismo e a literatura infantil: desmistificando a doxa e mitificando a ciência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP**, v. 97, p. 147-162, 2016.
- FRITZEN, C.; CABRAL, G. da S. Rute e Alberto resolveram ser turistas a leitura literária para crianças no período Vargas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 57, p. 329-347, abr./jun. 2014.
- FRITZEN, C.; CABRAL, G. da S. O que ensina também pode divertir, mas nem tudo o que diverte ensina: os debates da Comissão Nacional de Literatura Infantil (1936-1938). **Patrimônio e Memória** (UNESP), v. 7, p. 127-139, 2011.
- GREGORIN FILHO, J. N. Literatura infantil: um percurso em busca da expressão artística. In: GREGORIN FILHO, J. N.; PINA, P. K. da C.; MICHELLI, R. S. M. (Orgs.). **A literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011. p. 12-25.
- PENTEADO, A. Elisa de Arruda. A leitura de formação e cidadania nos anos 1930: *Cazuza* de Viriato Corrêa. **Revista de Estudos de Educação**. São Paulo, ano 4, n. 2, p. 41-49, 2002.
- PENTEADO, A. E. de A. **Literatura Infantil, História e Educação: um estudo da obra Cazuza**, de Viriato Corrêa. 2001 – Dissertação de Mestrado pela Unicamp, Campinas (SP).
- SANDER, B. **Administração da Educação no Brasil: genealogia do conhecimento**. Brasília: Liber Livro, 2007.
- VIEGA, J. G. A. B.; GALVÃO, A. M. de O. As escolas isoladas nas décadas iniciais do século XX: o estudo de uma instituição. **Cadernos de História da Educação**, v. 11, n. 2, p. 479-500, jul./dez. 2012.
- ZILBERMAN, R. Literatura e história da educação: representações do professor na ficção brasileira. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 15, p. 73-87, abr. 2004.
- ZILBERMAN, R. Sensibilização para a leitura. **Acta Sci. Lang. Cult.** Maringá, v. 30, n. 1, p. 1-9, 2008.